

CIÊNCIA

Um feudo masculino

Número de mulheres supera o de homens na graduação e na pós, mas as posições de maior destaque ainda são deles

Roberta Jansen

roberta.jansen@oglobo.com.br

A primeira mulher a integrar os quadros da Academia Brasileira de Ciências (ABC) foi ninguém menos que a polonesa naturalizada francesa Marie Curie — a primeira cientista da História a ganhar dois prêmios Nobel, de física e química. Isso foi em 1926, dez anos após fundada a instituição, numa homenagem à passagem de Curie pelo Brasil. Quase um século depois, o número de mulheres aumentou muito, lógico. Mas, apesar da estreia em grande estilo, ainda é bem inferior ao de homens, mesmo entre as novas gerações.

De acordo com levantamento feito pelo GLOBO, dos 112 jovens cientistas (até 42 anos) eleitos membros afilizados da Academia Brasileira de Ciências (ABC), apenas 29 são mulheres. O desequilíbrio nas posições de destaque na ciência reflete a situação geral do país: o número de mulheres já supera ligeiramente o de homens na graduação e na pós, mas os cargos mais elevados permanecem nas mãos deles.

— A novidade é que há mulheres na ciência; então temos que saudar o fato de elas

estarem aparecendo mais — afirma a economista Hildete Pereira de Melo, professora associada da Universidade Federal Fluminense (UFF), responsável por numerosos estudos sobre a participação feminina no mercado de trabalho em geral e na ciência em particular. — Sim, ainda há uma grande discrepância. As mudanças culturais são muito lentas mesmo, há ainda uma longa estrada na construção da igualdade, mas tudo indica que as próximas gerações terão uma participação cada vez maior.

Estudo feito pela economista com base em números do Censo de 2000 revela que, já naquele ano, as mulheres superavam os homens

(56,5% a 43,5%) nos cursos de graduação. Na pós (mestrado e doutorado), a diferença era um pouco menor, mas se repetia: 52% a 48%. Mas a supremacia parece desaparecer quando se chega a posições de destaque e cargos mais elevados. Para onde foram todas essas mulheres?

Conciliar família e trabalho

• Para Camila Indiani de Oliveira, de 38 anos, especialista em ciências biológicas da Fiocruz-BA e integrante da ABC, trata-se de uma preocupação global para quem faz ciência. — Na graduação e na pós

tem muita mulher mesmo. E mesmo entre os professores. Mas, depois, elas começam a sumir — afirma a bióloga. — Não acho que haja um preconceito direto, mas acho que há uma falta de tolerância com o fato de que, numa determinada fase da vida, quando tiver filhos, vai haver um período em que ela vai produzir menos, publicar menos, orientar menos.

Na análise de Camila, enquanto nos EUA há políticas afirmativas e ações que apoiam as mulheres, aqui o assunto nem é debatido.

— Falta o apoio formal das instituições, como dispor de creches — afirma. — Além de criar políticas afirmativas nas escolas, nas faculdades.

Também integrante da ABC, Flávia Carvalho Alcântara Gomes, de 42 anos, concorda com a colega. Chefe do Laboratório de Neurobiologia Celular do Instituto de Ciências Biomédicas da UFRJ, primeira professora titular da instituição e coordenadora da pós-graduação em ciências morfológicas, ela vê poucas mulheres em cargos de chefia. E não acredita que o preconceito direto seja a explicação.

— Em geral, há mais mulheres do que homens na ciência hoje, mas, de fato, os quadros de liderança, de tomada de decisão, ainda são mais masculinos — afirma Flávia. — A ciência hoje é voltada para o mérito, mas tudo leva um tempo para ser incorporado, para refletir nos quadros mais altos.

Flávia destaca também a necessidade de maior apoio institucional, lembrando, por exemplo, que bolsistas da pós-graduação não têm direito à licença maternidade.

— Acho que a reversão desse quadro só vai acontecer quando houver uma forma melhor de conciliar família e trabalho — acredita Hildete. — Para muitas mulheres, em carreiras que exigem muita dedicação, fica difícil conciliar as duas coisas.

Editoria de Arte

Os menos racionais têm seus ídolos

• Perguntados sobre quando resolveram ser cientistas, muitos exercitam a memória até chegar à infância. E é do tempo de criança que tiraram seus ídolos. Mr. Magoo, Cascão, Mafalda e super-heróis, como Mulher Maravilha, mostraram-se populares. Pesquisadores listaram também filmes e livros preferidos.

Muitos cientistas mostraram-se céticos ao responder perguntas pessoais no questionário enviado pela reportagem do GLOBO. Ídolo fictício? “Não acredito em ficção”, respon-

deu um. “Sou muito racional para isso”, rejeitou outro. Programa de TV favorito? “Não tenho televisão em casa”, cravou um terceiro, entre toneladas de lembranças de documentários e telejornais. Alguns, no entanto, confessaram um lado menos acadêmico quando estavam fora do laboratório.

— Adoro assistir TV. Poderia elencar uma série de enlatados pasteurizados — respondeu o biofísico Antônio José da Costa, da USP. — E por que não? (Renato Grandelle)

Aumento do parque eólico brasileiro

Mercadante quer ampliar uso de energia em 7 vezes

Catarina Alencastro

catarina.alencastro@bsb.oglobo.com.br

• BRASÍLIA. O ministro da Ciência, Tecnologia e Inovação, Aloizio Mercadante, apresentou como parte da Estratégia Nacional de Ciência, Tecnologia e Inovação, o aumento do parque eólico do Brasil em sete vezes até 2014, passando de 1GW este ano para 7 GW. Além disso, ele disse serem necessários investimentos bem maiores em etanol de novas gerações. O orçamento para este ano é de R\$ 12,2 bilhões.

Mercadante falou dos planos do governo para os próximos quatro anos e reconheceu que há uma defasagem científica que separa o Brasil de países mais desenvolvidos e que faltam profissionais qualificados em algumas áreas. Com relação a investimentos, a avaliação do MCTI é que o governo tem investido mais do que qualquer país da América Latina.

O ministro quer que 2013 seja o Ano da Ciência, Tecnologia e Inovação, aproveitando o lançamento do Cyclone 4, um veículo lançador de foguete que sairá da base espacial de Alcântara, no Maranhão.

— Estamos definindo que o ano 2013 seja o Ano da Ciência, Tecnologia e Inovação no Brasil. O Brasil podia aproveitar esse momento de crise, em que na Nasa foram demitidos 4.000 pessoas e trazer para cá esses talentos. ■

OS ÍDOLOS DOS CIENTISTAS



Marie Curie: cientista foi a primeira mulher a integrar a Academia Brasileira de Ciências

FIGURAS REAIS

Cientistas (Albert Einstein, Marie Curie, orientadores de mestrado e doutorado etc)

20%

Pai e mãe

18%

Esportistas e personalidades culturais (Ayrton Senna, Chico Buarque, Nelson Piquet, Zico etc)

10%

Personalidades históricas (Mahatma Gandhi, Nelson Mandela e Simón Bolívar etc)

6%

Não tem/não respondeu: 46%

FICTÍCIOS

Personagens de filmes e séries (Forrest Gump, Sheldon Cooper, Spock, Yoda etc)

15%

Personagens de livros (Dom Quixote, Harry Potter, Sherlock Holmes etc)

8%

Personagens infantis (Cascão, Pica-Pau, Tio Patinhas etc)

8%

Super-heróis (Mulher Maravilha, Batman e Superman)

6%

Não tem/não respondeu: 63%



Mulher Maravilha, encarnada por Lynda Carter no seriado dos anos 70: um dos super-heróis citados na pesquisa como ídolos da ficção

QUEM SÃO

CARLOS EDUARDO PELLEGRINO CERRI

É engenheiro agrônomo graduado na Escola de Agrícola Luiz de Queiroz, da USP. No meio do curso, interessou-se por ciência do solo, tema que desenvolve até hoje. Atualmente, ele analisa as alterações de matéria orgânica no solo causadas pela expansão agrícola das últimas décadas. E também pensa no futuro: suas simulações matemáticas tentam entender como será esta atividade econômica nas próximas décadas, com as mudanças climáticas

RAFAEL ROESLER

Gaúcho de Santa Maria, ele passou a infância no mato, desenhando e estudando cobras, peixes e insetos. Formou-se em Biologia pela UFRGS e logo ingressou no Departamento de Bioquímica. Dez anos atrás, fundou seu próprio grupo de pesquisa, focado na Biologia do Cérebro. Agora, investiga a sinalização celular em tumores cerebrais e outros tipos de câncer. Até meados deste ano, publicou 150 artigos científicos internacionais, citados mais de 1.700 vezes

FLÁVIA ALCÂNTARA GOMES

Tijucana, neta e filha de professores universitários, desde cedo acostumou-se em presenciar discussões acadêmicas. Graduou-se em Ciências Biológicas na Uerj e fez mestrado em doutorado na UFRJ, onde atualmente é professora associada. Hoje ela investiga como se estabelece a comunicação entre as células que formam o cérebro, neurônios e células da glia (as não neuronais), e como erros nessa comunicação podem levar a doenças neurológicas e neurodegenerativas

DRÁULIO DE ARAÚJO

Com 12 anos, este futuro físico já media o tempo entre a chegada da luz do relâmpago e o som, para calcular a distância da tempestade. Formado pela UnB, logo demonstrou interesse por outras áreas, como física aplicada à medicina e biologia. E essa mistura se reflete em sua pesquisa, em que tenta aplicar ferramentas não invasivas para observar dentro do cérebro humano

MILTON OZÓRIO MORAES

As vésperas do vestibular, descobriu seu interesse por engenharia genética; por isso, buscou a graduação em Biologia na UFRJ e, depois, o doutorado na Fiocruz. O período de vacas magras da ciência brasileira em sua época de universidade fez com que abrisse os olhos para diversas áreas afins: tem artigos em bioquímica, neurologia e toxicologia, além de infectologia, sua especialização. Hoje, está à frente de um grupo interdisciplinar como ele, que estuda a hanseníase

LUCIANO PAULINO DA SILVA

Formado em Biologia pela UnB em 2000, sempre dedicou-se a observar a diversidade dentro dos organismos. Na Embrapa, onde trabalha atualmente como pesquisador, tenta encontrar na biodiversidade brasileira — em particular no Cerrado — moléculas que tenham aplicações tecnológicas.

Em anfíbios, por exemplo, há moléculas antimicrobianas e até anticancerígenas. Estas descobertas podem ser aproveitadas pelo agronegócio, no setor alimentício e até na medicina

